

"Se você ainda não conhece Beverly Jenkins, precisa conhecê-la imediatamente." — SHONDALAND

BEVERLY JENKINS



VENTOS DE MUDANÇA

Mulheres Pioneiras • I



VENTOS DE
MUDANÇA

Título original: *Rebel*

Copyright © 2019 por Beverly Jenkins

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Avon, um selo da Harper Collins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Isadora Sinay

preparo de originais: Sheila Til

leitura sensível: Rane Souza

revisão: Camila Figueiredo e Midori Hatai

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Shelley Richmond / Trevillion Images

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J51v

Jenkins, Beverly

Ventos de mudança / Beverly Jenkins ; tradução Isadora Sinay. –

1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.

240 p. ; 23 cm. (Mulheres pioneiras ; 1)

Tradução de: *Rebel*

Continua com: *Tempestade selvagem*

ISBN 978-65-5565-172-0

1. Ficção americana. I. Sinay, Isadora. II. Título. III. Série.

21-71461

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Dedicado à Valinda da vida real, por seus incentivos
à educação, à história e ao gênero do romance.*

CAPÍTULO 1

Abril, 1867

Valinda Lacy, de 28 anos, recebeu seus quinze alunos com um sorriso enquanto eles entravam em fila na sala de aula. Por causa do caos do pós-guerra em Nova Orleans, ela vinha lecionando em um velho celeiro a alguns quilômetros das docas e armazéns às margens do rio Mississippi.

Retribuindo a acolhida com sorrisos e saudações, os alunos se acomodaram nos bancos de madeira rústica no fundo da sala e no chão de terra batida. Era um grupo com idades e gêneros variados, mas com uma coisa em comum: todos eram ex-escravizados que tinham sido libertados depois que o Sul se rendera. Agora queriam aprender a ler e a escrever, na esperança de um futuro melhor.

– Conseguiram treinar escrever seus nomes? – perguntou Val de trás de sua pequena mesa bamba.

Muitos indicaram que sim. Desde que a escola fora aberta, um mês antes, a maior parte deles tinha aprendido a reconhecer e a pronunciar as letras do alfabeto e a escrever o próprio nome. Agora ela os guiava pela leitura de palavras de uma sílaba, como *cão*, *mão* e *pá*. A animação dos alunos ao acertar as tarefas trazia lágrimas de orgulho aos olhos deles e alegria ao coração dela.

Como na maior parte das escolas dedicadas aos recém-libertos, não havia quantidade suficiente de livros, lousas ou outros materiais necessários para uma sala de aula, mas Val se esforçava com o que tinha.

Ela estava passando aos alunos seus cinco preciosos exemplares da cartilha quando dois homens brancos surgiram à porta. Todos na sala congelaram. Val se esforçou para não ficar olhando os canos compridos das armas que eles carregavam. Respirou fundo para controlar seu desconforto e encarou os olhos duros deles. Muitas escolas que aceitavam libertos vinham sendo queimadas e os professores, assassinados. Ela não queria ser a próxima.

– Posso ajudar?

– Você é a professora? – perguntou um deles com desdém.

Os dois tinham altura mediana e barba por fazer, e suas roupas eram surradas.

– Sou. Bem-vindos à nossa sala de aula. Normalmente começamos às nove, então, por favor, tentem ser pontuais. Podem deixar suas armas do lado de fora, e ficaremos felizes de abrir espaço para que se juntem a nós. Vocês sabem ler?

Um rubor subiu pelo pescoço deles.

– Não precisam ter vergonha. Estamos todos aqui para aprender. Também dou aulas para crianças dois dias por semana, então, se tiverem filhos, eles serão mais do que bem-vindos.

Um dos homens abriu a boca para falar, mas ela logo interveio:

– Vou precisar dos nomes de vocês para colocá-los na chamada. Nossa escola é mantida pelas Freiras da Sagrada Família. Foi por elas que ficaram sabendo de nós?

Ela esperou, notou o espanto deles e então acrescentou:

– Não importa. Tanto faz como ficaram sabendo da escola. Mas realmente preciso do nome de vocês.

Valinda voltou para sua mesa e pegou um lápis e um pedaço de papel.

– Sempre fico feliz por receber novos alunos. Saber ler e escrever pode lhes trazer muitos benefícios, mas tenho certeza que vocês já sabem disso. Caso contrário, não teriam vindo.

Eles a encaravam como se ela fosse um cavalo falante.

– Por favor, sentem-se – pediu ela, forçando um sorriso enquanto indicava um local. – Não temos livros suficientes, mas estamos acostumados a compartilhar.

Os homens olharam em volta, para os rostos raivosos dos homens e das mulheres na sala, e gaguejaram:

– É... Precisamos ir.

E partiram depressa.

No silêncio que se seguiu, Val desabou em sua cadeira e deixou que o medo e a tensão se esvaíssem. Quando ergueu os olhos, seus alunos sorriam. Ela também sorriu.

– A senhorita fez aqueles dois ficarem tão perdidos que não iam reconhecer nem a mãe deles – concluiu Eb Slayton, de 42 anos.

Todo mundo caiu na gargalhada. Val riu também, mas no fundo sabia que tinham dado sorte por aqueles dois serem tão fáceis de enganar. Ela esperava que a sorte durasse.

Duas horas depois, dispensou a classe. Muitos dos alunos voltaram logo

para seus trabalhos e suas famílias, mas outros, como Dina Watson, de 17 anos, ficaram um pouco mais.

– Como é viver no Norte, senhorita?

Val colocou as cinco cartilhas na pequena caixa-forte para protegê-las e olhou em volta.

– O clima com certeza é mais fresco – respondeu.

Para uma mulher do Norte, o calor de Nova Orleans dava a impressão de que se estava vivendo em uma fornalha. Naquele momento, vestida com uma modesta blusa de gola fechada e mangas compridas, saia ampla e meias, ela estava assando.

– Vai se acostumar – prometeu a sorridente Dina. – Lá nosso povo é livre? Val aquiesceu.

– Em Nova York, de onde venho, desde 1827. Há quase meio século.

Ao ver a surpresa de Dina, acrescentou:

– Mas não é liberdade verdadeira. Ainda não podemos votar nem ter propriedades em muitos lugares. A integração social não é vista com bons olhos, então temos nossas próprias escolas, igrejas e negócios. Algumas comunidades têm até os próprios jornais.

– Seus pais são livres também?

– Sim. Minha avó Rose fugiu quando tinha uns 14 anos.

– De onde?

– Virgínia. Primeiro ela foi para a Filadélfia, depois para Nova York, onde abriu um ateliê de costura. Os pais do meu pai escaparam de Charleston quando ele era bebê.

E, ao contrário de Rose, o pai dela tinha vergonha de haver nascido escravizado e passara a vida dizendo que nascera livre.

– Gosta de algum rapaz de lá?

Val pensou em seu noivo com uma ternura profunda.

– Sim, o nome dele é Coleman Bennett. Nós nos conhecemos desde que éramos crianças.

– Ele veio para Nova Orleans com a senhorita?

– Não, ele e o sócio estão na França, procurando investidores para o jornal deles.

Eles voltariam para os Estados Unidos logo. Val sentia saudades, e teria sido bom contar com o apoio dele na batalha que ela travara com o pai por conta de seu desejo de viajar para Nova Orleans e dar aulas. No fim das

contas, ele permitira que ela ficasse fora até que Cole voltasse. Seu tempo na cidade seria mais curto do que ela queria, mas, quando se tratava do pai, Val aprendera a aproveitar cada pequena vitória.

– Os franceses construíram Nova Orleans.

Ficou feliz por Dina saber disso.

– Sim, construíram.

Além dos espanhóis e dos haitianos que tinham fugido da ilha depois da revolução que aconteceu lá.

Eb Slayton enfiou a cabeça pela fresta da porta.

– Está pronta para ir, senhorita? Não quero me atrasar para o trabalho.

Ele costumava dar carona a Val até o bairro Francês depois das aulas.

– Sim. Dina, tome cuidado ao voltar. Vejo você na quinta-feira.

– Vou tomar.

As aulas aconteciam às segundas e quintas. Nos outros dias, Val se dedicava a lecionar para os filhos das pessoas pretas libertas no convento das Freiras da Sagrada Família, uma das poucas ordens do país dirigidas por freiras pretas.

Pegou sua bolsa de couro marrom surrado e deu uma última olhada na sala de aula improvisada e limpa. Tinha orgulho de possuírem um espaço daqueles e ainda mais de seus alunos focados e empenhados. Fechou a porta, trancou o cadeado e se juntou a Eb no banco de sua frágil carroça.

Embora Willie, o velho burro que puxava o veículo, levasse algum tempo para chegar ao bairro Francês, ela preferia isso a ficar à mercê do sistema segregado de bondes da cidade. Homens e mulheres de sua cor de pele só tinham autorização para usar os carros com estrelas pretas na lateral. Fosse intencional ou não, nunca havia veículos suficientes nem um horário regular e, como os brancos também podiam usá-los, gangues de arruaceiros costumavam viajar neles de propósito, para que ficassem lotados e para que pudessem assediar as mulheres pretas a caminho de casa ou do trabalho.

– Gostei de como lidou com os irmãos Cranstons – comentou Eb quando saíram.

– Aqueles homens armados? Você os conhece?

Ele assentiu.

– Pete e Wesley Cranston. Antes da Liberdade, o pai deles era capataz em uma grande plantação de açúcar a oeste daqui. Cruel como uma cobra. Ele

morreu na guerra e agora seus meninos andam por aí causando problemas e tentando ser iguais a ele.

– Eles são perigosos de verdade?

– Podem ser, mas no geral vão atrás de mulheres e velhos. Ouvi dizer que foram tão violentos com uns professores e missionários que alguns voltaram para o Norte. Tenho certeza que ver os homens na sala os fez pensar duas vezes no que estavam planejando. E sei que não esperavam que a senhorita os enfrentasse.

– Minha avó sempre me disse que, não importa quanto medo você sinta, nunca demonstre.

– Ela ia ficar orgulhosa. Ganhei o dia vendo a senhorita passar a perna neles. Val apreciou o elogio.

– Acha que vão voltar?

Ele deu de ombros.

– Não dá pra saber. Depois que a senhorita dispensou a turma, eu falei com alguns homens do lado de fora. Combinamos de trazer nossas armas a partir de agora. A Liberdade diz que podemos nos proteger e pretendemos fazer isso.

Val não gostava de violência, mas se isso significasse que ela e seus alunos ficariam a salvo, não fazia sentido protestar contra o plano deles.

Com a questão resolvida por ora, ela perguntou:

– A Agência de Libertos encontrou um trabalho para sua filha?

Ele balançou a cabeça.

– Disseram que ela não tem nenhum documento oficial para mostrar que sabe ensinar.

Val suspirou. A Agência de Libertos fora criada para ajudar os três milhões e meio de homens, mulheres e crianças escravizados que haviam sido libertados com a rendição do Sul. Instalada sob protestos de muitos membros do Congresso e limitada por regras às vezes conflitantes, além de regulamentações que variavam de estado para estado, era um pesadelo burocrático que muitas vezes cerceava a mesma liberdade que buscava ampliar. A filha de Eb, Melinda, fora escravizada pela família de um rico reitor universitário cujas três filhas a ensinaram a ler em segredo. Val conhecera Melinda na semana anterior e a achara simpática e inteligente. Julgava que suas habilidades seriam uma bênção em uma sala de aula.

– Diga a ela que, se não encontrar um trabalho logo, será bem-vinda para vir me ajudar aqui.

O rosto dele se iluminou.

– Vou dizer, com certeza.

Val ainda estava insistindo para que a Agência lhe pagasse o valor combinado, portanto não tinha ideia de como remuneraria a filha dele, mas lidaria com isso quando fosse necessário.

– Será que poderia ajudar meu irmão a colocar um anúncio nos jornais? – pediu Eb de repente. – Ele está tentando encontrar a esposa.

– Com certeza. Diga a ele para passar na escola quando puder e conversaremos sobre isso.

– Obrigado. Desde a Liberdade, ele tem visitado as fazendas da região procurando por ela, mas até agora ninguém sabe informar nada.

– Eles têm filhos?

Ele fez que sim.

– Mas foram vendidos anos atrás para um homem no Texas. Meu irmão acha que nunca mais vai vê-los.

Val nem conseguia imaginar como se sentiam o irmão de Eb e as outras milhares de pessoas que procuravam por familiares vendidos, mas ajudar da forma que fosse possível era o motivo que a levava para o Sul. Ela considerava sua avó Rose a responsável por ter incutido nela esse desejo. Rose vinha trabalhando para melhorar a situação das pessoas pretas em Nova York desde que Val conseguia se lembrar. Fosse auxiliando os mais velhos e os pobres com comida e roupas, indo a protestos e marchas em defesa da abolição ou ficando na igreja depois do serviço para ler em voz alta, para os analfabetos, artigos de jornais publicados por defensores dos direitos das pessoas pretas como William Lloyd Garrison, Frederick Douglass e Martin Delany, Rose e as mulheres de seu círculo eram a inspiração de Val.

Conforme a lenta jornada seguia, ela pensava nos próprios esforços. Estava em Nova Orleans fazia um mês. A cidade era tão distinta da rigidez e da austeridade existentes em Nova York que era como estar em outro país. A música parecia se infiltrar em todo lugar. As mulheres pretas usavam lenços na cabeça chamados *tignons*, que podiam ser lisos e discretos ou coloridos e decorados com contos ou búzios. Em Nova York, a principal língua estrangeira era o holandês. Em Nova Orleans, as pessoas falavam francês, espanhol, italiano e tudo o mais que fosse similar. Nova York tinha vendedores na rua, mas ali vendiam frutas e legumes que ela nunca vira ou comera, como quiabo e cana-de-açúcar. Ela amava os *calas* vendidos de manhã pelas

mulheres pretas. Eram bolinhos de arroz assados polvilhados com açúcar. Nos domingos, as pessoas de pele escura se reuniam em um local chamado Congo Square, algo que faziam desde o tempo da escravidão. Havia música, dança e mais vendedores. Val nunca vira nada assim. Outra novidade para ela era o comércio de amuletos e poções que supostamente lançavam ou combatiam feitiços. A comida em Nova Orleans era cheia de cremes, frutos do mar e pães, e as ruas eram repletas de brancos pobres e multidões de homens libertos em busca de trabalho, assim como de soldados armados da União, que precisavam manter a ordem depois de vencerem a guerra. Havia também uma sensação velada, impalpável, da fúria que emanava dos antigos fazendeiros escravocratas que tinham perdido seu modo de vida. Alguns dos jornais locais publicavam textos raivosos dirigidos aos soldados e aos republicanos radicais. O mais alarmante, porém, eram as histórias de atos de violência cada vez mais frequentes sofridos por homens libertos e suas famílias, perpetrados pelos aterrorizantes grupos pró-escravidão.

Eb freou sua carroça diante da casa no bairro Tremé, na qual Valinda alugava um quarto. Ela se despediu com um aceno, enquanto ele e Willie seguiam na direção do Hotel St. Louis, onde ele trabalhava como confeitiro. Ironicamente, aos 9 anos, ele tinha sido vendido em um leilão naquele mesmo lugar. Val achava difícil imaginar o mais famoso hotel da cidade, com seus bailes chiques e jantares festivos, vendendo pessoas escravizadas sob seu teto.

Outra disparidade que Val achava difícil conciliar eram sua senhoria, Georgine Dumas, e a irmã mais velha dela, Madeline, as duas *creoles* com quem ela compartilhava a casa. Elas já eram idosas e tinham personalidades tão diferentes quanto a noite e o dia. Madeline era gentil e atenciosa; Georgine era esnobe e intolerante. Georgine reclamava de tudo – desde o clima até a comida feita por Madeline –, mas guardava seus comentários mais ácidos para os soldados da União e os recém-libertados. “Deviam mandar todos de volta para a África”, dissera ela com raiva, durante o jantar, no dia em que Val chegara. “São tão ignorantes e inúteis quanto esses soldados que combatem a escravidão.”

Mais tarde, Madeline explicara que a raiva da irmã era motivada pelas mudanças que tinham ocorrido na vida delas após a rendição do Sul. Tinham perdido a fazenda e a mão de obra escravizada, o que as tornara responsáveis pelas tarefas corriqueiras mas indispensáveis da vida, como cozinhar, limpar

e tudo o mais. Por sorte, Madeline sabia cozinhar. Porém, muitas das brancas escravocratas do Sul não encostavam em um fogão havia gerações e agora, sem diferenciar um rabanete de um tomate, não sabiam como alimentar suas famílias.

Ao entrar no pequeno apartamento, Val encontrou Madeline na cozinha. O odor apimentado e aromático do *gumbo* perfumava o cômodo. Val nunca ouvira falar desse saboroso guisado antes de ir para o Sul, mas agora amava o prato tanto quanto seus *calas* matinais.

– E como foi a aula hoje, Valinda? – perguntou Madeline, colocando a tampa sobre o guisado no fogão e sentando-se à pequena mesa onde faziam as refeições.

– Boa. Chegaram dois alunos novos, então agora eu tenho quinze. Preciso dar um jeito de conseguir mais cartilhas. É um desafio ter que fazer os alunos dividirem o material.

– Será que a igreja da sua avó pode ajudar?

– Vou escrever para ela hoje à noite perguntando.

A igreja da avó, em Nova York, era sua patrocinadora. Fora um pedido de ajuda da Associação Missionária Americana e das Freiras da Sagrada Família que motivara Val e outros professores a irem para o Sul.

Elas passaram mais alguns minutos conversando e então Madeline se levantou para conferir o *gumbo*. Ao perceber que estava pronto, chamou a irmã. Georgine entrou e, ao ver Val, fechou a cara e se sentou.

– Você poderia ao menos cumprimentá-la, Georgie – disse Madeline.

A resposta foi um bufar impaciente seguido de uma pergunta.

– Os desgraçados do Norte já fizeram seu pagamento?

– Não, senhora.

– Comida e acomodação não são de graça.

– Eu entendo.

Madeline serviu o *gumbo* nas tigelas.

– Ela está pagando o que pode, Georgie – retrucou, tensa. – Você sabe disso.

– Eu não sei de nada. Quem garante que ela não está dando o dinheiro que deveria ser nosso para aqueles alunos esfarrapados dela?

Val não respondeu. A Agência de Libertos deveria pagar uma bolsa aos professores. Desde que ela chegara, um mês antes, passara horas e horas de seu tempo livre de pé em longas filas só para no fim lhe dizerem que ela precisava de um formulário diferente, que estava no escritório errado ou que

a pessoa com quem precisava falar não estava disponível. Era enlouquecedor. Ter que aguentar a língua ferina de Georgine, porém, era pior.

– Vou escrever para minha vó e perguntar se ela pode me mandar fundos extras, assim posso cumprir minha obrigação com a senhora e sua irmã.

– Caso contrário, vamos querer que vá embora.

– Georgie!

– Não podemos mantê-la aqui de graça, Maddy. Ela não é um cãozinho de estimação.

– Mas prometemos às freiras que a deixaríamos ficar conosco.

– Em troca de pagamento. Nós não temos dinheiro, Madeline, e nenhuma perspectiva de ganhar mais. Ou ela paga ou vai embora.

– Temos dinheiro no banco, Georgie, você sabe disso – argumentou Madeline com nervosismo. – Pode não ser tanto quanto antes, mas não vamos passar fome. Você só está sendo cruel.

– Tem uma semana, Srta. Lacy.

Val encontrou os olhos escuros e frios.

– Sim, senhora.

A refeição foi feita em silêncio. Madeline lançava olhares raivosos para a irmã, que os ignorava. Quando terminaram, Georgine saiu da cozinha. Val ajudou Madeline com a louça, depois sentou à mesa para começar sua carta.

Antes de sair, Madeline se virou para Val:

– Não se preocupe, não vou permitir que ela a expulse daqui.

– Obrigada.

Fazia uma semana que Val tinha escrito para a família e, como da vez anterior, uma onda de saudade a tomou assim que pegou o papel. Sentia falta da mãe, da irmã mais velha, Caroline, e da avó, Rose, com quem Val e os pais moravam. Seria cruel dizer que não tinha saudade do pai, Harrison; sozinha e tão longe de casa, ela até sentia mesmo um pouco de falta dele e de seus hábitos dominadores.

Escreveu primeiro para a mãe e a irmã e, por último, para a avó, contando como estava, os desafios que enfrentava e o progresso dos alunos. Também pediu ajuda para adquirir mais livros e materiais e algum dinheiro extra para si, para que pudesse pagar o que devia às irmãs Dumas. Quando terminou de escrever, a noite havia caído. Deixou as cartas prontas para postagem, então foi para seu quarto quente e sem janelas e vestiu suas roupas de dormir. De manhã, iria de novo à Agência de Libertos. Não estava animada com a ideia

de passar outro dia de pé em uma fila de 2 quilômetros, mas a questão do pagamento precisava ser resolvida para que Georgine não a pusesse para fora. Depois de rezar e apagar seu lampião, ela se esticou no colchão fino e desconfortável e torceu para que o calor opressivo a deixasse dormir.

CAPÍTULO 2

Sentado à sua mesa no menor escritório da Agência de Libertos da cidade, Drake LeVeque, ex-capitão da Guarda Nativa da Louisiana, debatia internamente o que fazer com sua raiva por saber que os libertos que ainda estavam na fila não seriam ajudados naquele dia. Mães em busca de filhos roubados teriam que aguentar mais uma noite de medo e preocupação; homens precisando que seus contratos de trabalho fossem aprovados correriam o risco de serem pegos na rua por fazendeiros inescrupulosos e forçados a trabalhar de graça ou, pior, de serem presos por não estarem empregados. E Drake iria para casa frustrado, porque não tinha conseguido ajudá-los.

Eles não teriam ajuda por causa do homem que agora se aproximava da mesa de Drake, o novo supervisor do escritório, um tenente magro, de rosto fino, que vinha de Boston e se chamava Josiah Merritt.

– Não vamos receber o resto deles hoje – disse ele a Drake. – Tenho uma reunião, então mande-os embora.

Com os chefes anteriores, o escritório costumava ficar aberto até o anoitecer. Desde que Merritt chegara, havia três meses, a antiga equipe de quatro pessoas fora reduzida a apenas Drake e as portas frequentemente se fechavam mais cedo – às vezes, como naquele dia, antes das três da tarde.

– Você é o responsável. Mande-os embora *você* – respondeu Drake.

Merritt recuou, seu rosto emoldurado por costeletas ficando vermelho.

– Devo lembrá-lo que sou *eu* o chefe aqui.

– E eu devo lembrá-lo que *eu* sou voluntário, não seu empregado.

Drake sabia que muitos escritórios da Agência de Libertos eram chefiados por homens bons, como os dois oficiais com os quais ele havia trabalhado anteriormente, enquanto outros poderiam muito bem ser supremacistas, tamanha era sua falta de comprometimento com a causa dos libertos. Merritt se encaixava nesse segundo grupo. Drake queria muito deixar para trás esse chefe incompetente, mas se recusava a permitir que os libertos ficassem sem alguém que os defendesse, a menos que isso fosse absolutamente necessário.

Sem conseguir o que queria, Merritt saiu pisando duro. Seu anúncio de

que o escritório estava fechando foi recebido com protestos. Muitos dos homens e mulheres estavam na fila desde o amanhecer. Os lábios de Drake se contraíram, mas não havia nada que ele pudesse fazer.

– Certifique-se de que a porta fique trancada, LeVeq – ordenou Merritt, saindo assim que o escritório ficou vazio.

Drake suspirou de raiva ao observá-lo partir. Passou alguns instantes arremando a pequena montanha de arquivos em sua escrivaninha: relatórios sobre contratos de trabalho, escolas, pedidos emergenciais de comida e tudo mais que a Agência fazia para os novos libertos e os milhares de brancos pobres deslocados pela guerra.

Abraham Lincoln começara aquela operação em 1865 sob o nome Agência de Refugiados, Libertos e Terras Abandonadas. Como o Congresso desorganizado se recusara a estabelecer um orçamento, os fundos vinham do Departamento de Guerra, que também era responsável por sua implementação. Comandada pelo general da União Oliver O. Howard, a agência fora inicialmente instalada para durar um ano, mas seu mandato se estendera a contragosto. Regras, regulamentações e execução variavam de estado para estado, às vezes de escritório para escritório, resultando em caos, ineficiência e corrupção.

Os sulistas pediam a dissolução dos escritórios, então Drake não tinha certeza de quanto tempo o serviço ainda iria sobreviver e o que os libertos fariam quando não existisse mais. No início, regulamentações equivocadas exigiram que as pessoas pretas tivessem passes daqueles que as tinham escravizado para poderem viajar. Na Virgínia e em outros lugares, alguns escritórios tinham proibido pessoas pretas de áreas rurais de entrar nas cidades em busca de emprego e mandaram tropas para recolhê-las e enviá-las de volta para os fazendeiros. Ficava bastante óbvio que o Exército preferia o velho sistema ao novo. Contudo, apesar das limitações, os libertos continuavam a apoiar a Agência, já que era sua única esperança.

Depois de fechar tudo, Drake foi embora. Sua cunhada, Sable, voltaria de Biloxi em breve e ele tinha se oferecido para esperar por ela nas docas. O marido dela, seu irmão mais velho, Raimond, passaria o dia inteiro em uma reunião com os republicanos locais para buscar modos de combater a violência perpetrada por grupos de supremacistas brancos. Para receber Sable, haveria um grande jantar em família no Christophe, o hotel gerenciado pelo irmão deles, Archer.

O dia estava quente como sempre, e o trânsito nas ruas era tão pesado quanto o ar, com todo tipo de veículos puxados por cavalos, mulas e até lentas vacas leiteiras. Com outro suspiro, Drake se juntou à massa de libertos nas calçadas lotadas – soldados, aventureiros políticos vindos do Norte e nativos da cidade, todos cuidando das próprias tarefas.

G

Depois de ter recebido autorização das freiras para suspender as aulas das crianças naquele dia, Valinda passou a manhã e a tarde na fila do maior escritório da Agência de Libertos na cidade e finalmente recebeu uma ordem de pagamento. Aliviada, desceu a rua para esperar o bonde que a levaria até as docas. No dia anterior, um de seus alunos, que trabalhava lá, lhe contara que havia chegado um pequeno carregamento de lousas e giz que não tinha sido reivindicado. Após desistir de encontrar o dono, o responsável oferecera a carga ao aluno, para que ele levasse para sua classe, então Valinda estava indo buscá-la.

Só que primeiro precisava conseguir chegar lá.

Derreter no calor do fim de tarde enquanto bondes com lugares vazios passavam por ela e por outros de sua cor a deixou furiosa, assim como a todos que continuavam ali esperando. Levou mais de uma hora até que um bonde com estrela preta finalmente chegasse. Estava tão lotado que foi quase impossível se espremer para entrar. Val desceu no fim da linha, ainda irritada por causa do tratamento ofensivo, e caminhou até as docas.

O responsável manteve sua palavra e lhe deu as lousas sem reclamar. Feliz com a generosidade dele e tendo parte da raiva aplacada, Val percorreu o curto caminho até o celeiro que chamava de sala de aula para deixar o caixote lá. Aquelas seis lousas e os sacos de giz valiam mais do que ouro. Ela precisava admitir que uma pequena pontada de culpa a atingiu, já que os itens eram de outra pessoa, mas o responsável pelas cargas garantira que a caixa passara mais de um mês lá e tudo acabaria sendo incinerado.

Ao se aproximar do celeiro, ela parou de repente. O cadeado sumira e a porta de madeira estava escancarada. Val olhou em volta, mas não viu ninguém e entrou com cuidado. Lá dentro, o chão, antes limpo, estava coberto de colchões de palha encardidos e garrafas vazias de bebida, tocos de vela e lixo. Alguém deixara para trás até mesmo uma calça azul desbotada do

exército da União. Ela ficou boquiaberta. No dia anterior, aquela era sua sala de aula. Agora parecia um local de farras abomináveis.

Enquanto tentava pensar em quem poderia ser o responsável por aquilo, sentiu cheiro de fumaça. Alarmada, ela olhou em volta. Quando teve certeza de que nada estava queimando lá dentro, colocou o caixote no chão e correu para fora, onde encontrou uma pequena fogueira embaixo de árvores próximas. Ali estavam as cinco cartilhas que ela vinha usando com os alunos. O coração dela subiu pela garganta.

– Não!

Val pisou nas chamas com suas botas de cano curto surradas. Chutou terra e cinzas para a fogueira, na esperança de apagá-la. Ao avistar um galho comprido e grosso ali perto, ela o agarrou e tentou empurrar as cartilhas para fora das chamas. Os livros eram tudo que ela tinha. Se não os salvasse, não saberia o que fazer. Mas o papel era velho e ressecado e, mesmo com o ar úmido de Nova Orleans, as chamas o haviam consumido com ferocidade. Com o coração partido, ela parou de lutar e ficou observando, impotente, quando o vento levou embora as páginas incandescentes.

– Problemas, senhorita?

Ainda segurando o galho queimado, com a ponta em brasa, ela se virou e viu três homens usando uniformes azuis sujos da União se aproximarem. Dois eram pretos e o outro, branco com cabelos louros. Quando se aproximaram, o brilho zombeteiro em seus olhos disparou um alarme interno em Val, mas a raiva por causa da destruição venceu.

– Alguém queimou meus livros didáticos!

O homem mais alto, magro e de pele escura, mostrou que lhe faltavam dois dentes da frente quando respondeu:

– Nossa, quem faria uma coisa tão desprezível?

Seus companheiros sorridentes deram de ombros com exagero.

– Parece que a classe foi dispensada – zombou o homem preto ao lado dele, que era mais baixo, mais pesado e tinha olhos cinzentos.

O sujeito alto e branquela a encarou lentamente de cima a baixo.

– De onde você é, menina? Você não fala como gente daqui.

Eles estavam atrás do celeiro, numa área oculta pelas árvores altas. Val sabia que precisava voltar para um lugar aberto, onde pudessem vê-la melhor da estrada.

– Com licença. Eu preciso ir.

Ela tentou passar, mas o homem louro agarrou seu braço.

– Ele fez uma pergunta.

Ela percebeu a mão suja dele e então seu olhar de desdém.

– Me solte! – ordenou ela, puxando o braço, em vão.

– Vocês já viram uma professora que não responde perguntas? – brincou o mais alto.

– Nunca – disse o homem de olhos cinzentos.

– Eu acho que devíamos levá-la para dentro e ensinar bons modos.

Era uma mulher contra três homens. Se quisessem machucá-la, eles estavam em maior número. A única coisa que Val tinha em mãos e que se parecia com uma arma era o galho grosso, então ela enfiou a ponta fumegante no pescoço do louro. Quando ele gritou e caiu de joelhos, ela saiu correndo.

Com o coração acelerado, cada inspiração cheia de medo, ela foi rápida o suficiente para passar pelas árvores e seguir na direção da estrada. Os companheiros do louro, inicialmente pegos de surpresa, saíram em disparada atrás dela. Na metade do caminho, conseguiram agarrá-la por trás e ela caiu no chão com tanta força que a dor explodiu em suas costelas e sua cabeça girou, mas ela gritou e lutou.

Um tiro ecoou. O mundo parou.

– Afastem-se dela. Agora!

Valinda ficou tão aliviada que um soluço lhe escapou. Um homem preto alto e barbado, com os trajes azuis da União, se aproximava. Por trás da mira de seu rifle, a fúria dominava seu rosto.

– Senhora, venha para trás de mim, por favor.

Lutando para se levantar, ela não hesitou.

– Você está se metendo em algo que não é da sua conta, garoto – rosnou o homem desdentado.

Uma bala atingiu o chão aos pés dele e ele saltou com um grito.

– Isso é da minha conta – rebateu o soldado. – Quem é seu comandante?

Os dois agressores trocaram um olhar, hesitantes sobre responder ou não.

Ele se aproximou, o rifle ainda em riste.

– Querem mesmo morrer hoje?

Os olhos deles se arregalaram.

Outro tiro soou. Val girou e avistou uma mulher. Tinha pele marrom e usava um vestido azul e um *tignon* azul combinando. Estava de pé em uma

carroça com um magnífico garanhão preto e apontava um rifle para o homem louro, que tinha acabado de sair de trás das árvores.

– Fique onde está! – gritou a mulher.

Ele não se moveu.

Ainda abalada, Val se perguntou quem seriam seus salvadores. A mulher parecia tão furiosa quanto o homem.

– Vou perguntar mais uma vez. Quem é seu comandante?

Embora tremessem, eles ficaram de boca fechada.

Ele puxou o gatilho para trás.

– Tenente Crane Jacobs! – gritou o de olhos cinzentos.

– Você não tem autoridade aqui – retrucou o mais alto do grupo. – Ela é minha mulher. Estava com outro homem. Vou ensiná-la a respeitar seus votos.

O soldado barbado se virou para Valinda.

– A senhora o conhece?

Ela balançou a cabeça.

– Não mentiria para mim, não é, *chérie*? – perguntou ele de modo suave.

– Não – conseguiu responder ela, tomada por algo que afogou seu medo temporariamente.

– Bom. Segure isto, por favor.

Quando ele passou o rifle para ela, os olhos de Valinda se arregalaram. Antes que ela pudesse perguntar o motivo, ele se virou e cravou o punho no rosto do homem que alegara ser marido dela. O golpe arreventou o nariz dele. O sangue jorrou e ele caiu lentamente de joelhos, tombando no chão, desmaiado.

Os olhos dela se abriram ainda mais.

– Você também quer ensinar respeito para a senhorita? – perguntou o soldado, cheio de ira, ao agora boquiaberto homem de olhos cinzentos.

Aterrorizado, ele balançou a cabeça.

– Não.

– Não o quê?

– Não, senhor!

O soldado respondeu com um sorriso mortífero.

– Esperto. Aquele ali é seu amigo?

Ele se referia ao homem louro ainda imóvel sob o olhar vigilante e a mira do rifle da mulher na carroça.

Ele aquiesceu.

– Qual é o nome dele?

– Appleton.

– E o seu? E nem pense em mentir para mim.

Olhos Cinzentos engoliu em seco.

– Billy Baxter.

– E esse aqui? – indagou, apontando para o homem no chão.

– Walter Creighton.

– Appleton! – chamou ele, relanceando os olhos para o outro lado do campo. – Aqui. Agora!

Appleton pareceu em dúvida. Seu amigo estava deitado imóvel na terra. Valinda supôs que ele não quisesse participar do que estava acontecendo. Porém, assim que uma bala da arma da mulher ecoou pelo ar e passou a centímetros de sua cabeça, a questão foi resolvida. Ele cruzou rapidamente o campo aberto.

Vendo-o mais de perto, o soldado notou a ferida feia e ensanguentada na garganta do outro.

– O que aconteceu aí?

– Essa vadia tentou enfiar um galho queimando pela minha goela – sibilou Appleton, fuzilando Valinda com o olhar.

O soldado se virou para ela, surpreso. Ele a examinou em silêncio por um instante.

– Muito bem – elogiou, por fim.

Mais uma vez, ela se sentiu inundada por uma sensação que não conseguiu nomear.

– Se algum de vocês um dia encontrar essa dama de novo, quero que corram como se suas calças estivessem pegando fogo – avisou o soldado, voltando a atenção para Appleton e Baxter.

Ele se abaixou um pouco para acrescentar:

– Porque, se eu ficar sabendo que vocês chegaram perto dela, vou encontrá-los. Entenderam?

– Sim, senhor!

– Agora peguem esse aí e sumam da minha frente.

A ordem não precisou ser repetida. Os homens foram embora arrastando o ainda inconsciente Creighton.

– Você se machucou? – perguntou o salvador a ela.

Val lhe devolveu o rifle.

– Vou descobrir depois que parar de tremer.

O medo ainda estava recente. Suas costelas e o peito doíam por ter caído no chão, mas a dor maior era por dentro. E se o soldado e a mulher não tivessem aparecido? Tentando não imaginar o que poderia ter acontecido, ela se forçou a inspirar para se acalmar.

Ele puxou um lenço do bolso do casaco e o estendeu para ela.

– Seu queixo e sua bochecha estão arranhados e sangrando.

Ela olhou para o lenço.

– Venha. Vou ajudar – falou ele.

O soldado abriu o lenço sobre a bochecha e o queixo dela, aplicou um pouco de pressão e limpou com cuidado a pele que agora ardia. Depois entregou o lenço a Valinda, que o pegou com mãos hesitantes, perguntando-se como aquele homem titânico podia ter um toque tão leve.

– Obrigada pelo resgate – agradeceu ela, com um tremor na voz.

– De nada. Aquela na carroça é minha cunhada, Sable.

A mulher agora vinha na direção deles com seu rifle em mãos.

– Eu sou o capitão Drake LeVeq. E a senhora é...?

– Valinda Lacy.

– Senhora ou senhorita?

– Senhorita.

– Prazer em conhecê-la, Srta. Lacy. Pode me dizer o que aconteceu?

Recompondo-se, ela contou a respeito da escola, do que encontrara lá dentro e dos livros queimados.

– Dois dias atrás, era minha sala de aula. Agora é uma alcova de fornecedores.

A expressão nos olhos dele se suavizou como se ele se divertisse.

– Qual é a graça, capitão?

– Peço desculpas. É que não é uma palavra que se espera ouvir de uma professora.

– Às vezes o inesperado é necessário.

– Como furar o pescoço de Appleton?

Ela assentiu.

– Vai dar queixa para o comandante?

– Vou.

– Meu nome é Sable LeVeq – apresentou-se a mulher que acabava de alcançá-los. – Você está bem?

Valinda olhou nos brilhantes olhos verdes dela.

- Vou ficar, graças a você e ao capitão.
- Fico feliz por termos aparecido na hora certa.
- Eu também.

O fato de que ela podia ter sido atacada da pior forma possível voltou a Valinda. Ela reviveu o terror de correr, ser agarrada e sentir-se impotente ao tentar lutar contra os agressores. A lembrança embrulhou seu estômago.

- Com licença, eu acho...

Ela se afastou alguns passos e seu estômago se esvaziou.

Momentos mais tarde, LeVeq lhe entregou um cantil para que ela enxaguasse a boca. Feito isso, Val o devolveu, se sentou na grama e esperou a tontura passar. O capitão e sua cunhada se sentaram com ela. A preocupação estava estampada em seus rostos, mas eles permaneceram em silêncio, deixando que ela se recompusesse o máximo possível.

- Onde mora, Srta. Lacy? – perguntou ele, em voz baixa.

- Eu alugo um quarto no Tremé, no apartamento de Madeline e Georgine Dumas.

- E como vai voltar? Tem alguma montaria, uma carroça?

- Não. Vim de bonde até o ponto final e andei o resto do caminho.

- Você não vai voltar andando sozinha – determinou Sable. – Drake e eu passaríamos a noite toda preocupados. Vamos para o bairro Francês. Podemos deixá-la no caminho.

- Obrigada.

- Drake pode ter feito aqueles homens temerem a Deus por ora, mas quem sabe se eles não são estúpidos o suficiente para atacarem você de novo se a pegarem sozinha?

Valinda estremeceu só de pensar em encontrá-los outra vez.

O capitão se levantou e ofereceu a mão a ela.

Val ergueu os olhos, notou a preocupação dele e aceitou. A mão dele tinha cicatrizes e era calejada, grande e quente.

- Eu gostaria de dar uma olhada no celeiro antes de irmos, se não se importar – falou ele.

- Tudo bem. Eu não tenho ideia do que fazer com ele, agora que foi invadido. Alguém arrebitou o cadeado, o que significa que não há como mantê-los fora até que eu consiga um novo.

- Provavelmente vão arrebitá-lo de novo – ponderou Sable.

Val concordou e não ficou feliz ao perceber que perdera a sala de aula.

– A escola tem um patrocinador? – perguntou LeVeq.

– Sim, as Freiras da Sagrada Família. A propriedade era de um dos benfeitores do convento.

Juntos, eles voltaram até o celeiro.

– Se eu pudesse, colocaria alguns guardas aqui para que a senhorita continuasse a usá-la em segurança – comentou o capitão, após dar uma olhada no interior devassado. – Mas com tantas outras questões urgentes na cidade, duvido que o Exército veja isso como uso eficiente de pessoal.

– Eu entendo – concordou Valinda.

Era uma triste realidade. Ela tivera tantas esperanças. Agora precisaria encontrar uma nova sala de aula e recomeçar.

– Vou conversar com as freiras e ver se elas podem arranjar outro lugar.

– Sinto muito – disse ele, com sinceridade.

Ela assentiu.

– É melhor irmos – falou Sable. – Tem alguma coisa aqui que precise levar?

– Só isso.

Val pegou o caixote com as lousas e o giz e deu uma última olhada no entorno.

– Venha – chamou Drake, seus olhos suaves agora. – Vamos levá-la para casa.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

